

## **A obra de Carolina Maria de Jesus e Stela do Patrocínio sob a ótica bourdieusiana: quando o dominado se torna dominante no campo da literatura**

The work of Carolina Maria de Jesus e Stela do Patrocínio under Bourdieu's perspective:  
when the dominated become the dominant on the Literature field

**Marcela Souto M. R. Carvalho**

[marcela.smrc@gmail.com](mailto:marcela.smrc@gmail.com)

Graduanda em Letras (produção textual) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Já atuou como voluntária no Laboratório de Psicolinguística & Aquisição da Linguagem da PUC-Rio (LAPAL).

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo o estudo dos livros *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, e *Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome*, de Stela do Patrocínio, sob a ótica bourdieusiana no campo da literatura, especialmente na literatura marginal, levando em consideração as implicações das questões socioculturais que permitiram que esses livros alcançassem o canônico patamar de obra literária.

Palavras-chave: Literatura marginal; Bourdieu; Carolina Maria de Jesus; Stela do Patrocínio.

### **Abstract**

This article has the objective to reflect about the books *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, and *Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome*, by Stela do Patrocínio, under Bourdieu's perspective in the literature field, specially the marginal literature, considering the implications of the social prerogatives that had influence on those books' canonization as a major literary work.

Keywords: Marginal Literature; Bourdieu; Carolina Maria de Jesus; Stela do Patrocínio.

## Introdução

Tem esses que são igualzinhos a mim, tem esses que se vestem se calçam igual a mim, mas que são diferentes da diferença entre nós. (Stela do Patrocínio)  
Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (Carolina Maria de Jesus)

Quando se fala em Stela do Patrocínio e Carolina Maria de Jesus, é impossível desvincular essas escritoras de suas origens sociais como mulheres negras de minorias socioeconômicas – Carolina, como demonstrado no subtítulo de seu livro a ser analisado neste trabalho, era uma catadora de papel moradora de favela<sup>1</sup>, enquanto Stela era interna na Colônia Juliano Moreira<sup>2</sup>. Por causa disso, as obras dessas autoras são classificadas como literatura marginal. Ainda que esse movimento literário tenha surgido entre o fim do século 20 e o começo do século 21 no Brasil (ou seja, posteriormente à emergência dessas autoras no cenário literário), há estudiosos que classificam Stela e Carolina como autoras marginais, pois seus estilos de escrita e o lugar de fala que essas mulheres ocupam as legitimam nesse gênero. Com viés engajado de crítica ao sistema sociopolítico, a literatura marginal se aproxima de uma espécie de autodomocário, marcado pela linguagem coloquial, em nada rebuscada, e algumas vezes até marcada por erros gramaticais. Em *Ficção Brasileira Contemporânea*, o estudioso Karl Erik define esse estilo literário como “uma literatura que, sem abrir mão da verve comercial, procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados da realidade social” (p.98).

Num país como o Brasil, em que as desigualdades socioeconômicas estão tão enraizadas, dar voz aos marginalizados devia ser visto como um movimento de empoderamento. Contudo, há uma tentativa de deslegitimação da investida deste movimento de ocupar lugares na literatura

---

<sup>1</sup> Carolina Maria de Jesus (Sacramento, 14 de março de 1914 - São Paulo, 13 de fevereiro de 1977) passou grande parte de sua vida na favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo, e sustentava a si mesma e a seus três filhos com o pouco dinheiro que recebia catando papéis. Apesar da fama com a publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, traduzido em mais de treze idiomas, Carolina não foi reconhecida em vida como a escritora genial que era e chegou a voltar a catar papel mesmo depois de sair da favela.

<sup>2</sup> Stela do Patrocínio (Rio de Janeiro, 1941-1997) viveu por quase 30 anos internada na Colônia Juliano Moreira, uma instituição psiquiátrica localizada em Jacarepaguá que era destinada a abrigar, além dos doentes psiquiátricos, todos os indivíduos que fossem “socialmente indesejáveis”. Stela morreu na Colônia, em consequência de uma infecção generalizada após amputarem sua perna.

– e, especialmente, da investida de ocupar lugares de fala<sup>3</sup>. No âmbito do campo literário, seguindo o conceito bourdieusiano de estratégia de conservação, houve a resistência em reconhecer essas mulheres como autoras, visto que suas obras se destacavam pela estratégia de subversão.

Para entender de que forma esses conceitos de Bourdieu se aplicam às obras de Stela e de Carolina, é preciso retroceder um pouco e entender o que ele postula como campos. Em *Alta Cultura e Alta Costura*, o sociólogo francês explica:

Chamo de campo um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto. (...) num campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante, os que têm maior capital específico, se opõem por uma série de meios aos entrantes (emprego de propósito esta metáfora emprestada da economia), recém-chegados, chegados-tarde, arrivistas que chegaram sem possuir maior capital específico. (1983, p.155)

No campo da literatura, os dominantes são aqueles que detêm em maior grau o capital específico e o poder de escrever livros aclamados. Nesse campo, no cenário brasileiro, os dominantes não são pessoas marginalizadas e de minorias sociais, como o são Stela e Carolina, mas sim pessoas privilegiadas em vários âmbitos. No artigo “A Personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo”, Regina Dalcastagnè, ao analisar 258 romances publicados entre 1990 e 2004, concluiu que 93% dos autores são homens brancos. Com isso, afirma que “os números, indicam com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (DALCASTAGNÈ apud OLIVEIRA, 2017, p.240). Assim, para manter-se na posição de dominância em um campo, esses dominantes (os antigos) fazem uso da estratégia de conservação, enquanto os dominados (os recém-chegados) fazem uso da estratégia de subversão, como explicado por Bourdieu em *Alta Cultura e Alta Costura*:

Os antigos possuem estratégias de conservação que têm por objetivo obter lucro do capital progressivamente acumulado. Os recém-chegados possuem estratégias de subversão orientadas para uma acumulação de capital específica que supõe uma inversão mais ou menos radical do quadro de valores, uma

---

<sup>3</sup> Lugar de fala pode ser entendido como a legitimação da fala de uma minoria, num movimento de “a vítima fala por si” em vez de precisar da mediação de maiorias privilegiadas. Assim, entende-se que negros, asiáticos e indígenas têm o lugar de fala para discutir o racismo, as mulheres têm o lugar de fala para discutir o feminismo, e assim por diante. A origem desse termo não é precisa, mas, em geral, pesquisadores apontam que suas raízes estão no debate feminista americano dos anos 1980.

redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios da produção e da apreciação dos produtos e, ao mesmo tempo, uma desvalorização do capital detido pelos dominantes. (1983, p.155)

Assim, entendendo a literatura marginal como um ato de subversão, não só dos espaços de poder no campo da literatura, como também um ato de subversão dos espaços de poder em nossa sociedade, é possível identificar a subversão nas obras de Stela e Carolina.

### **A literatura marginal como estratégia de subversão**

A literatura marginal emerge no campo da literatura como uma estratégia de subversão. A linguagem coloquial, o protagonismo de personagens marginais, o engajamento na crítica ao atual sistema sociopolítico brasileiro, entre outras características, se materializam nesse gênero como forma de crítica e questionamento dos espaços de privilégios no campo literário. Por isso, numa estratégia de conservação, há a recusa em validar esse gênero como literatura. Essa resistência em legitimar a literatura marginal é comentada pela autora Regina Dalcastagné:

(...) A definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros. O campo literário reforça esta situação, através de suas formas de consagração e de seus aparatos de leitura crítica e interpretação. Afinal, “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão. Dizer que um texto é literário subentende sempre que outro não é”, ou seja, a valoração sistematicamente positiva de uma forma de expressão, em detrimento de outras, faz da manifestação literária o privilégio de um grupo social. A exclusão das classes populares não é, obviamente, algo distintivo da literatura, mas um fenômeno comum a todos os espaços de produção de sentido na sociedade. (2007, p.21)

O gênero da literatura marginal, como meio para se apropriar de um espaço na literatura do dominador e transformá-lo em um espaço de poder, demonstra que, nos campos, há indivíduos que são feitos para se apoderarem de posições já vigentes, mas há também indivíduos feitos para fazerem novas posições – aqui, então, entendemos a literatura marginal como uma nova posição dentro do campo da literatura, isto é, como uma vanguarda. Em *Mas Quem Criou os Criadores?*, Bourdieu comenta:

Há aqueles que são feitos para se apoderarem de posições feitas e aqueles que são feitos para fazerem novas posições. Justificar isso exigiria uma análise por demais longa e eu gostaria apenas de indicar que é principalmente quando se trata de compreender as revoluções intelectuais ou artísticas que é preciso ter em mente que a autonomia do campo de produção é uma autonomia parcial que não exclui a dependência: as revoluções específicas, que perturbam as relações de força no interior de um campos, só são possíveis na medida em que aqueles que importam as novas disposições e querem impor as novas posições encontram, por exemplo, um apoio fora do campo, em públicos novos cujas demandas são ao mesmo tempo expressas e produzidas por eles. (1983, p.165)

Assim, entende-se que, sendo os dominadores as pessoas com alto capital específico e que adotam estratégias de conservação, no contexto do campo literário os dominadores são os literários que, além de já estarem estabilizados em suas posições privilegiadas nesse campo, também se negam a reconhecer como literatura a obra de Carolina e Stela. Os dominados são as pessoas que, através de gêneros literários que são marcados pela voz dos oprimidos, como o é a literatura marginal, buscam subverter a ordem vigente no campo da literatura se apropriando e remoldando a forma de escrita dos dominadores. Reconhecem, assim, que há uma hierarquia nesse campo, mas sem subverter sua estrutura, somente subvertendo os indivíduos que estão nas posições de maior destaque nessa hierarquia.

Em Stela e Carolina, a subversão da ordem vigente do campo da literatura é observada, principalmente, no conteúdo, mas também é muito marcada na escrita. Nas obras em questão, é possível identificar traços que, numa estratégia de conservação, seriam classificados como “erros de escrita” ou “erros de pontuação”, e não como o que eram, de fato: uma forma inédita de escrita usada como uma estratégia de subversão no campo da literatura. O uso que, novamente, em uma estratégia de conservação da hierarquia no campo literário, poderia ser considerado “inadequado” da língua, na literatura marginal é tido como característica desse gênero e esse uso é facilmente entendido como uma característica dessa vanguarda.

### **Stela do Patrocínio e Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome**

*Reino dos Bichos e Animais é o Meu Nome* é um dos livros mais mencionados no âmbito da literatura que trata das vivências manicomiais. Esgotado em todas as livrarias e sebos, sem previsão de novas edições, esse livro aclamadíssimo fica no limiar entre não ficção e poesia: a obra faz o leitor se questionar até que ponto o que está sendo lido é verdade ou delírio, visto

que o livro foi constituído a partir de falas de Stela do Patrocínio durante sua internação na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. O livro nasce a partir do contato de Stela, já encarcerada no manicômio, e alguns dos profissionais da Colônia, como Neli Gutmacher, supervisora das atividades artísticas, Carla Guagliardi, estagiária que fez as gravações das falas de Stela, Mônica Ribeiro de Souza, que transcreveu as fitas, e, especialmente, Viviane Mosé, organizadora do livro.

Stela, como marginal na sociedade, no sentido de pertencer a uma minoria apagada socialmente (a dos “loucos”), dificilmente seria entendida como uma autora, e ainda menos como alguém que, no campo da literatura, adota uma estratégia de subversão. No prefácio do livro, contudo, Ricardo Aquino, diretor do Museu Bispo do Rosário<sup>4</sup>, reconhece o poder de subversão no campo da literatura a partir das falas de Stela:

O texto de Stela do Patrocínio que vem à luz neste livro já nasce como um marco na literatura brasileira, revestindo-se da maior importância e significado. Ele se soma aos livros de depoimentos de escritores, relatando suas experiências internados em asilos (Lima Barreto e Maura Lopes Cançado), autores realizando ficção sobre suas experiências (Paulo Coelho), jornalistas oferecendo reportagens (Hiran Firmino), pacientes (L. F. Barros) e profissionais (Ricardo Aquino, Luiz Paiva de Castro), para citar alguns. A estes todos se soma agora o texto de Stela do Patrocínio que chega com vigor e densidade, fazendo-se história. (2009, p.13)

Com poemas que usam a lírica para exprimir a dureza de sua realidade – como nos versos em que fala “Mas eu estava com saúde / Estava com muita saúde / Me adoeceram / Me internaram no hospital / E me deixaram internada / E agora eu vivo no hospital como doente” (2009, p.51) –, Stela faz parte da literatura marginal ao dar voz aos “loucos”, os marginalizados em nossa sociedade, e, nesse campo, ocupa a posição de poder da vanguarda, segundo a ótica de Bourdieu. Viviane Mosé, organizadora de *Reino dos Animais e dos Bichos é o Meu Nome*, pontua na introdução do livro:

A fala de Stela do Patrocínio é valiosa antes de tudo pelo que diz: ela registra um lugar, uma condição, a da internação em regime fechado, que já desaparece de nossa cultura. Mas é muito mais valiosa pelo caráter vitorioso de sua conquista da exterioridade: ler e ouvir Stela é integrá-la no discurso que

---

<sup>4</sup> O Museu Bispo do Rosário, criado em 1982, está situado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, também conhecido como Colônia Juliano Moreira. O museu recebe o nome de um dos mais ilustres internos da Colônia, o Arthur Bispo do Rosário, um dos expoentes da arte contemporânea. DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2018 | V. III | N. 6 | Arte, Liberdade de Expressão e Direitos Humanos.Pastoral Anchieta PUC-RIO.Universitária

um dia a excluiu. Que a fala do mundo seja acrescida da fala de Stela. (2009, p.43)

### **Carolina Maria de Jesus e Quarto de Despejo: diário de uma favelada**

Carolina Maria de Jesus, por sua vez, era uma mulher marginalizada – uma favelada e catadora de papel – mas com grandes intenções artísticas. Ao longo de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a autora, sempre em contato com livros, reconhece a importância da escrita como forma de crítica à ordem vigente, como é possível notar no seguinte trecho, um diálogo com um homem desonesto que se dizia “amigo do povo”, o Zuza:

Comecei a escrever o que observava daquela aglomeração. O senhor Zuza viu-me escrevendo. Porque eu sou alta e estava toda de vermelho. Fui falar-lhe. Perguntei-lhe:

- Quem é o senhor?
- Ô gente! Eu sou o Zuza! A senhora nunca ouviu falar no Zuza? Pois o Zuza sou eu!
- Com que finalidade o senhor faz esta festa?
- Faço esta festa para o povo.
- Eu vou pôr o senhor no jornal. (JESUS, 1960, p.61).

Carolina sabia reconhecer de que forma a hierarquia social a oprimia e como a escrita poderia ser uma arma para subverter essa opressão, embora tenha tido a ajuda de um jornalista para alcançar uma posição de poder no campo da literatura marginal. Audálio Dantas, numa ida à favela de Carolina, em decorrência de uma reportagem que devia escrever, soube da existência dos diários de Carolina e a ajudou a transformar esses escritos em livros. Audálio sabia que havia ali uma estratégia de subversão.

Na edição popular de 1963, há um prefácio escrito por Audálio, que explica como se materializou a questão da estratégia de subversão no campo da literatura a partir de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* – naturalmente, claro que sem os termos sociológicos específicos:

O tempo operou profundas mudanças na vida de Carolina, a partir do momento em que os seus escritos – registro do dia a dia angustiante da miséria favelada – foram impressos em letra de forma, num livro que correu mundo, lido, discutido e admirado em treze idiomas. Um livro assim, forte e original, só podia gerar muita polêmica. Para começar, ele rompeu a rotina das magras edições de dois, três mil exemplares, no Brasil. Em poucos meses, a partir de

agosto de 1960, quando foi lançado, sucessivas edições atingiram, em conjunto, as alturas dos 100 mil exemplares. Os jornais, as revistas, o rádio e a televisão, primeiro aqui e depois no mundo inteiro, abriram espaço para o livro e para a história de sua autora. (1963, p.3-4)

## Conclusão

Em *Mas Quem Criou os Criadores?*, Bourdieu comenta as mudanças que uma vanguarda faz dentro da estrutura hierárquica de um campo:

O aparecimento de um artista, de uma escola, de um partido ou de um movimento a título de posição constitutiva de um campo (artístico, político ou outro) é marcado pelos fatos de que sua existência “coloca, como se diz, problemas” aos ocupantes das outras posições; que as teses que ele afirma se tornam um objeto de lutas, que constituem um dos termos das grandes oposições em torno das quais se organiza a luta e que servem para pensar esta luta (por exemplo, direita/esquerda, claro/escuro, cientificismo/anticientificismo etc.). (1983, p.168-69).

Assim, pensando nos casos de Stela e Carolina, essas duas autoras, ao dar voz a minorias marginalizadas, colocam problemas aos ocupantes das posições de destaque no campo da literatura, que antes eram ocupadas por pessoas socioeconomicamente privilegiadas. Recentemente, ao lançar luz sobre essas duas obras, especialmente *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, pode-se notar as estratégias de conservação não só dos escritores no campo da literatura, mas também a dos consumidores: no artigo “A Vez da Literatura Produzida por Negros e Pobres”, do sociólogo José Ruy Lozano, o autor comenta sobre a dificuldade em aceitar o livro de Carolina como literatura, materializada na resistência de algumas pessoas ao evento do livro como leitura escolar:

Poucas vezes vi tamanha reação a uma leitura escolar. Pais nos acusavam de muitas coisas. Uma delas: promover a ignorância em relação à norma gramatical, aludindo ao texto da autora que pouco frequentou a escola. A outra (a meu ver, a pior): o que o relato de vida de “uma favelada” acrescentaria à formação cultural de seus filhos? (...) Para muitos (não só os pais daquele colégio), Carolina não fez literatura, apenas escreveu diários, cujo tom confessional prejudicaria o caráter “literário” do texto. Como se diários, sermões, discursos políticos e outros tantos gêneros não recebessem, ao longo do tempo, a chancela de literatura. (2017)

No artigo “Debate Sobre Carolina Maria de Jesus Beneficia Autoras Negras”, a escritora Paloma Franca Amorim também comenta como a estratégia de conservação age de maneira a impedir que Carolina seja reconhecida como a autora que de fato foi:

Ao que parece, Carolina não poderá jamais ser considerada uma escritora brasileira, como Clarice Lispector ou Lygia Fagundes Telles – também autoras de obras a propósito de seus contextos sociais, culturais e afetivos – porque não cabe nos moldes aristocráticos do que significaria ocupar esse posto dentro da história da literatura brasileira. (2017).

Ainda no artigo de Amorim, é possível identificar como a estratégia de conservação dos dominantes no campo da literatura tenta apagar o aspecto bourdieusiano da raridade do produtor em Carolina:

No último dia 18 [de abril de 2017], intelectuais debateram na Academia Carioca de Letras a respeito da categorização da obra dela [de Carolina]. Parte defendia *Quarto de Despejo* como expressão literária, e não só um diário de bordo da pobreza como vociferado por parte da crítica. A outra, baseada nesse e em outros argumentos, dizia ser impossível lidar com o livro nos termos de legítima produção de literatura na contemporaneidade brasileira, já que “qualquer um poderia escrevê-lo”. (2017)

Mascarado sob a forma de estratégia de conservação, o não reconhecimento de Carolina e de Stela como autoras no campo da literatura e como vanguarda no campo da literatura marginal vai muito além do espaço literário e demonstra a discriminação no âmbito social. Em *A Distinção*, Bourdieu postula que “a arte e o consumo artístico estão predispostos a desempenhar, independentemente de nossa vontade e de nosso saber, uma função social de legitimação das diferenças sociais” (2007). Não reconhecer essas duas autoras como tal, então, demonstra não só como se dá a hierarquia de poderes dentro do campo literário como também a hierarquia de poderes em nossa sociedade. Contudo, como visto na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2017, cujo foco foi, entre outros, a obra de Carolina, é possível notar que aqueles que estavam nas posições de dominados nessas hierarquias estão tomando de volta sua voz no campo da literatura. Assim como Carolina e Stela o fizeram, a literatura marginal está subvertendo a ordem vigente.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Tereza Virginia de; BONFIM, Letícia de. Stela do Patrocínio e a poética da clausura. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n.54, p.277-95, maio/ago 2018.

AMORIM, Paloma Franca. *Debate sobre Carolina Maria de Jesus beneficia autoras negras*. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1877618-debate-sobre-carolina-maria-de-jesus-beneficia-escritoras-negras.shtml>. Acesso em: 16 de jun de 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

Alta Costura e Alta Cultura. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Mas Quem Criou os Criadores?. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. Pierre Bourdieu e a gênese do campo literário. *Revista de Letras*, Ceará, n.25, jan/dez 2003. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art09.pdf>. Acesso em: 8 jun 2018.

DALCASTAGNÉ, Regina. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.42, n.4, p.18-31, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1960.

LEÃO, Andréa Borges. *Como fazer uma sociologia da singularidade? O escritor e o leitor face à teoria bourdieusiana da literatura*. São Paulo: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/053/ANDREA\\_LEAO.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/053/ANDREA_LEAO.pdf). Acesso em: 8 jun 2018.

LOZANO, José Ruy. *A vez da literatura produzida por negros e pobres*. Jornal El País, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/15/opinion/1497554545\\_151977.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/15/opinion/1497554545_151977.html). Acesso em: 16 jun 2018.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Outros retratos, outras vozes na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n.50, p.237-53, jan/abr 2017.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.